

economia

Editora: Fernanda Crancio
economia@jornaldocomercio.com.br

RS será o 2º estado mais afetado por tarifaço dos EUA

Estudo da CNI aponta perdas de R\$ 1,9 bilhão no Rio Grande do Sul

/ RELAÇÃO COMERCIAL

Caren Mello

politica@jornaldocomercio.com.br

O Rio Grande do Sul será o segundo estado mais afetado do Brasil, caso se mantenham as tarifas impostas pelo governo norte-americano. De acordo com estudo da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), haverá uma perda de R\$ 1,9 bilhão. O Estado fica atrás apenas de São Paulo, com perdas de R\$ 4,4 bilhões, e ficando à frente de Paraná (- R\$ 1,9 bilhão), Santa Catarina (- R\$ 1,7 bilhão) e Minas Gerais (- R\$ 1,66 bilhão).

Com dados de estudos econômicos reunidos pela Universidade Federal de Minas Gerais, o levantamento que traça um panorama das relações comerciais com os Estados Unidos estima, também, o impacto das tarifas no próprio País. A projeção é de que, uma vez efetivada, a política tarifária imposta a Brasil, China e 14 outros países, além das taxas impostas à importação de automóveis e aço de qualquer lugar, provocará uma retração de 0,37% no PIB. Com o impacto, os EUA podem ter aumento na inflação, prejudicando a economia americana e dificultando a redução de taxas de juros no Banco Central americano.

O tarifaço pode reduzir em 0,16% o PIB tanto do Brasil, quanto da China, além de provocar uma queda de 0,12% na economia glo-

Impactos macroeconômicos no Brasil das medidas tarifárias dos EUA (var. %)

Indicador	Var. %	R\$ milhões
PIB	-0,16	-19.191
Exportações	-2,44	-51.616
Importações	-1,09	-32.425
Saldo comercial	-0,33	-19.191
Emprego	-0,21	

FONTE: CNI/UFMG

bal. O comércio mundial também seria prejudicado, reduzido em -2,1%, equivalente a perdas na ordem de US\$ 483 bilhões.

“Os números mostram que esta política é um perde-perde para todos, mas principalmente para os americanos. A indústria brasileira tem nos EUA seu principal mercado, por isso a situação é tão preocupante. É do interesse de todos avançar nas negociações e sensibilizar o governo americano da complementariedade das nossas relações. A racionalidade deve prevalecer”, afirmou o presidente da CNI, Ricardo Alban.

Os dados, que fazem uma projeção de 1 ano, não causaram surpresa na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs). De acordo com o economista-chefe da entidade, Giovanni Baggio, as variáveis de inter-relações econômicas entre os países são bastante detalhadas e precisas.

“Tem um dado importante que é o percentual de faturamento das nossas indústrias que vem da

Estados brasileiros mais afetados (PIB)

- São Paulo: - R\$ 4,4 bilhões
- Rio Grande do Sul: - R\$ 1,9 bilhão
- Paraná: - R\$ 1,9 bilhão
- Santa Catarina: - R\$ 1,7 bilhão
- Minas Gerais: - R\$ 1,66 bilhão

exportação. No RS é de 18,9% e, no Brasil, 16,4%. Entre todos os estados, nós somos os que mais temos o faturamento ligado às indústrias no exterior. Mesmo que não estejamos entre os três maiores na economia no País, em termos de impacto, não nos surpreende. O Brasil tem cerca de 10 mil empresas e indústrias que exportam. Nesse universo, 1,1 mil são no Rio Grande do Sul. O percentual de indústrias exportadoras no total do País é maior do que a nossa representatividade em termos de economia. Por essa característica, boa parte da perda de empregos será aqui”, observou.

A Fiergs fez um recorte das empresas no Estado que mais ne-



MASSEY FERGUSSON/DIVULGAÇÃO/JC

Sector de tratores e máquinas agrícolas deverá ser o mais impactado

gociam com os EUA. Entre aquelas com mais de 10% de exportações, 145 mil empregos estariam ameaçados. “Isso mostra a relevância para nossa economia”, apontou o economista-chefe.

Baggio destaca a exportação de tratores e máquinas agrícolas, como um dos setores mais prejudicados. Haveria um impacto de 23,61% na exportação, com redução de 1,86% na produção. “Entre 50% e 60% da produção dessas máquinas acontecem aqui no Estado. Isso ajuda a explicar porque estamos na segunda posição.”

De acordo com o levantamento, entre os impactos nas exportações brasileiras, haveria uma redução expressiva de R\$ -52 bilhões, enquanto as importações registrariam queda de R\$ -33 bilhões. O emprego seria afetado, com diminuição de -0,21%, equivalente a cerca de 110 mil postos de trabalho.

Os setores industriais e agropecuários seriam os mais afetados pelas medidas tarifárias. Os maiores impactos negativos nas exportações e produção seriam observados em setores como tratores e outras máquinas agrícolas, aeronaves, embarcações e outros equi-

pamentos de transporte e carne de aves. Em relação ao emprego setorial, a projeção é de que haverá reduções expressivas em diversos setores da economia. O setor agropecuário apresentaria a maior perda de postos de trabalho, com uma redução de cerca de 40 mil ocupações, 31 mil no comércio e 26 mil na indústria.

Nesta sexta-feira, Fiergs e governo do Rio Grande do Sul estarão reunidos com representantes de setores industriais gaúchos para debater alternativas para a elevação da taxa dos EUA às exportações brasileiras. O presidente do Sistema Fiergs, Cláudio Bier, e o governador Eduardo Leite lideram o encontro no Palácio Piratini.

A reunião integra uma série de ações estratégicas realizadas pelo Sistema Fiergs com o objetivo de minimizar os impactos da medida anunciada pelo governo norte-americano e buscar uma solução baseada no diálogo e na mediação. “Precisamos atuar como intermediadores nessa relação, porque, se a situação permanecer como está, será extremamente prejudicial para o Brasil, para as indústrias e para o comércio”, destaca Bier.

Lula diz que Brasil tenta negociar há meses com Estados Unidos, mas não tem resposta

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fez novas críticas ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e afirmou que o Brasil não recebeu resposta dos americanos desde que tentou contato após o primeiro anúncio de taxaço feito pelos EUA.

“Estamos com muita tranquilidade, meu vice-presidente (Geraldo Alckmin) e o Mauro Vieira [ministro das Relações Exteriores] estão negociando há mais de dois meses, desde aquela primeira taxaço. Temos uma equipe de negociação”, disse Lula durante discurso na abertura do 60º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), na Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia.

“Não recebemos nenhuma resposta”, afirmou o presidente. “A resposta que nós recebemos foi a matéria publicada no jornal dele, no zap dele, no portal dele. E a carta é o seguinte: ‘Ou dá ou desce. Essa é a lógica da carta.’”

Desde o anúncio da sobretaxa, tanto o presidente quanto a equipe do governo têm reagido de forma contrária à medida. Em entrevistas, Lula tem confrontado as interferências de Trump, incluindo com ameaças de taxaço recíproca.

Segundo integrantes do governo e representantes dos setores da indústria, uma resposta comercial da mesma dimensão daquela imposta por Trump poderia prejudicar ainda mais a econo-

mia brasileira.

Além disso, Lula tem criticado diretamente Jair Bolsonaro (PL) - citado na carta do presidente americano como um “perseguido” pela justiça brasileira - e Eduardo Bolsonaro (PL-SP), deputado federal e filho do ex-presidente, que tem apoiado as medidas do americano.

Também nesta quinta-feira, Bolsonaro se esquivou de qualquer responsabilidade pela decisão de Trump de sobretaxar o Brasil. O ex-presidente ainda agradeceu a Deus pela eleição do aliado nos EUA e culpou o governo Lula pelo entrave comercial e político com os americanos.

Lula também concedeu entrevista à CNN Internacional, que vei-

culada nesta quinta. A emissora, Lula afirmou que ainda não considera a ameaça da sobretaxa de 50% como uma “crise” com o país americano e defendeu que é preciso sentar à mesa e negociar com a gestão Trump.

Ele exaltou que sempre manteve bom diálogo com outros presidentes americanos e lembrou a relação de 200 anos entre os dois países, algo que ele tem também repetido nos últimos dias.

Ele disse que Trump foi eleito para ser presidente dos Estados Unidos, “e não imperador do mundo”.

O presidente rejeitou que divergências ideológicas entre Trump e ele poderã atralhar as

negociações e que não há o desejo de romper com o país americano, mas, por outro lado, afirmou que o Brasil não quer ser refém dos Estados Unidos.

Em outro momento, disse que o governo quer negociar, mas não aceitará nenhuma imposição. “O Brasil não aceitará nada que lhe for imposto”, disse. Trump, disse ele, precisa respeitar a soberania brasileira.

O presidente prometeu um pronunciamento em rede nacional de rádio e TV nesta quinta-feira para tratar sobre a tarifa de 50% imposta pelos Estados Unidos. Até o encerramento desta edição, o discurso ainda não havia sido transmitido.